

UMA EXPERIÊNCIA LISÉRGICA: O RELATO DE PAULO MENDES CAMPOS

Fernanda Vivacqua Boarin¹

Resumo

O artigo busca analisar o relato “Experiência com LSD”, do cronista Paulo Mendes Campos(1984). A partir disso, para a análise, buscou-se pensar em três aspectos centrais: as sensações sentidas ao longo da experiência; como essas sensações se articulam com a ideia de *estar* no mundo; e, por fim, como se alteram as relações com a palavra e a escrita, sob efeito lisérgico. Com isso, pretende-se pensar, por um lado, as possibilidades de representações acerca dos psicoativos em geral, e do ácido lisérgico, em específico. E, por outro, como, a partir do deslocamento próprio da experiência, é possível repensar o próprio entorno.

Palavras-chave: Paulo Mendes Campos; relato; LSD.

O presente texto busca tecer alguns apontamentos acerca do relato *Experiência com LSD*, de Paulo Mendes Campos (1984). Cronista, nascido na década de 1920, em Belo Horizonte, Campos viveu a partir de 1945 no Rio de Janeiro, participando, ao longo de toda sua trajetória, do meio jornalístico, colaborando com periódicos, atuando como redator e mantendo, por muitos anos, a crônica diária “Primeiro Plano”. O autor escreveu sobre sua experiência lisérgica em 1962, quando escreveu sobre a mesma em uma série de crônicas, publicadas semanalmente em sua coluna na revista “Manchete”, e, depois, nos livros “O colunista do morro”, em 1965, e “Trinca de Copas”, em 1984, edição que aqui seguiremos.

A temática de psicoativos e a literatura constroem possíveis diálogos, acredita-se, pela relação intrínseca entre a história da humanidade, e, portanto, da cultura, e a dos psicoativos. Segundo Carneiro (2005, p. 57), o fato de encontrarmos o uso de *drogas* em todas as épocas e culturas nos leva a crer que “o consumo de substâncias alteradoras da consciência faz parte da condição humana, que buscou sempre meios para interferir quimicamente no psiquismo”. Essa constante entre psicoativos e humanidade fez com que diversos cientistas, escritores e artistas em geral se debruçassem sobre a questão, gerando distintas representações sobre o fenômeno (CHAVES JÚNIOR,2014; ESCOHOTADO, 2005).

¹ Mestranda no Programa de Pós-graduação em Estudos literários, da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF).

Entre as mais diversas substâncias psicoativas que despertaram interesse de cientistas, médicos, artistas e filósofos, há um grupo de plantas e substâncias sintéticas que se destacam pelas características e efeitos:

Esses efeitos foram chamados de “fantásticos”, por Ludwig Lewin, e se tornaram conhecidos mais vulgarmente como “alucinógenos” ou “psicodélicos”. Essas drogas são basicamente as seguintes: o LSD, a mescalina, a psilocibina, a DMT e também as anfetaminas psicodélicas como o MDMA, das quais existem ao menos algumas centenas análogas. Suas características físico-químicas são a muita baixa toxicidade e a também baixíssima dose mínima necessária. Quase não produzem efeito fisiológico, exceto certa midríase (aumento de pupila) e taquicardia. A natureza fundamental do seu efeito é psíquica, esfera que sofre uma ação impactante dessas drogas (CARNEIRO, 2005, p. 58).

Por atuar predominantemente na esfera mental e ser capaz de promover uma significativa mudança na forma de perceber a realidade, esse grupo de substâncias “fantásticas” foi alvo de muita curiosidade e atenção. Ainda, o interesse se deve, também, ao fato do cacto peiote – componente do mesmo conjunto de psicoativos – ser uma planta sagrada para diversas religiões de populações indígenas do México e do Sudoeste dos Estados Unidos, como aponta Aldous Huxley: “O *Anhalonium lewinii* era novo para a ciência, embora fosse, na verdade, um amigo desde tempos imemoriais para as religiões primitivas e para os índios do México e do Sudoeste dos Estados Unidos” (HUXLEY, 2002, s/p).

Campos não descobriria a experiência com os lisérgicos pelo conhecimento da tradição religiosa, mas tomaria conhecimento através de seus estudos e, também, pela leitura de Huxley, um dos grandes responsáveis pela difusão da mescalina como substância de estudo e investigação. Ainda segundo Carneiro (2005, p. 59), Huxley seria, a partir dos anos 1950, “um expoente marcante de uma aventura cultural de desbravamento pioneiro de um novo campo epistemológico, quando se difundiu o LSD, descoberto por Albert Hoffman em 1943”. O próprio início de *Experiência com LSD* remete a essa legitimidade alcançada pela produção de Huxley sobre a mescalina. Entretanto, Huxley não estaria sozinho nesse campo de descobertas sobre o ácido lisérgico, sendo acompanhado por pessoas de diferentes áreas. Prova disso foi o primeiro contato de Paulo Mendes Campos com o assunto, através de um livro encontrado na biblioteca de medicina em que trabalhava (CAMPOS, 1984, p. 12). O que mudaria com a publicação de *As portas da percepção*, lançado em 1954, seria, então, o fato de atrair a atenção dos até então desinteressados, além de despertar a própria curiosidade do cronista para a experiência ali relatada:

O desconhecimento da mescalina era total. Obrigando-me ao silêncio até há poucos anos, quando li *The Doors of Perception* de Aldous Huxley. Dessa vez, com sensacionalismo, o mundo científico e cultural entrou em contato com a mescalina, tendo sido preciso para isso que um escritor de grande sedução intelectual experimentasse a droga e transcrevesse suas vivências. Li com muita curiosidade o livro de Huxley há alguns anos e o reli há poucos dias, antes de realizar a minha própria experiência (CAMPOS, 1984, p. 12).

Experiência com LSD se remete ao livro “As portas da percepção” diversas vezes e, por isso, o mesmo torna-se um interlocutor privilegiado para pensar no texto de Campos. Inclusive, o autor destaca a diferença significativa nas duas leituras da obra de Huxley, realizadas em momentos distintos, servindo a última como estimulante para, agora, ele ter sua própria experiência. No texto, Paulo Mendes Campos buscará ir além do relato, uma vez que também tenta tirar conclusões, mas, exatamente por esse motivo, estas se encontram no campo da possibilidade, descartando trabalhar com certezas absolutas e conferindo um caráter singular ao que seria ali escrito e ao que havia sido vivenciado (CAMPOS, 1984, p. 15).

Também, faz-se necessário destacar como *Experiência com LSD* é importante na trajetória entrecruzada das artes e dos psicoativos no Brasil. O texto, que não chegou a ter grande circulação, o que pode ser notado a partir da baixa tiragem dos livros onde o mesmo foi publicado, figura como um dos primeiros, senão o primeiro, sobre a experiência lisérgica no país. Como afirma Queiroz (1990, p. 10): “No Brasil, coube a Paulo Mendes Campos os riscos e danos imprevisíveis de uma das primeiras experiências com a dietilamida do ácido lisérgico”. Assim, há acordo com a autora acerca da relevância de Campos para pensar na experiência lisérgica no país. Porém, é importante ressaltar que, ao longo de *Experiência...*, não se tem a impressão de uma experiência carregada de “riscos e danos imprevisíveis”, pelo contrário, a vivência se dá de forma acompanhada e controlada, contando, inclusive, com a presença de um médico, como dito anteriormente. Essa compreensão – de interpretar a vivência lisérgica em Campos como algo controlado – está, inclusive, no discurso da própria Queiroz (1990, p. 10), ao dizer que: “Sob vigilância e controle de médicos, lápis e papel à mão, o poeta se propôs conhecer e divulgar as reações sofridas sob a ação do LSD”. Logo, parece muito contraditório pensar em uma experiência totalmente vigiada e controlada como algo *imprevisível*.

Essa ressalva pode parecer, em um primeiro momento, dispensável, mas ela serve ao intuito de buscar desvincular o discurso sobre psicoativos do terror instaurado

pela política de *guerra às drogas*², onde todas as substâncias são potenciais causadores de doenças, distúrbios e, inclusive, óbitos. Pelo contrário, de acordo com as informações acima destacadas, o ácido lisérgico tem uma ação que impacta principalmente a esfera psíquica, tendo pouco efeitos para o físico e baixa toxicidade. Assim, acredita-se que a experiência, por ser monitorada, e em pouca quantidade³, não ofereceu grandes riscos ao cronista, mas sim um deslocamento de perspectiva em relação a si e ao mundo.

A partir dessas considerações iniciais, pretende-se dividir a análise do texto proposto em três partes, a saber: o mundo de sensações, encontrado a partir da experiência lisérgica; a experiência lisérgica e o *estar* no mundo; e a palavra, as artes e a consciência alcançada sob o efeito do LSD.

Um novo mundo de sensações

A experiência com o *LSD* é marcada pela alteração psíquica, como já foi mencionado. Porém, esse fato não diminui a importância atribuída às alterações do próprio corpo, fazendo com que a *droga* seja responsável não só por alterar a visão de mundo, mas também por alterar a forma de senti-lo. Tal é a importância dos efeitos da ingestão no corpo, que, para Campos, a experiência psicoativa só inicia, de fato, a partir do momento em que se nota tais mudanças. Até então, instaura-se um clima de desconfiança e incredulidade.

Os primeiros sintomas surgem em geral depois de uma hora, disse-me o médico. Passado esse tempo, comecei a alimentar ligeiramente duas desconfianças: quem sabe se o hábito do álcool não me criasse no organismo uma resistência muito forte à pequena dose ingerida? Quem sabe se o médico me ministrara uma pílula inócua e estivesse a realizar comigo uma simples experiência de sugestão? (CAMPOS, 1984, p. 13).

O impasse é resolvido quando Campos começa a sentir seu corpo de forma diferente, com “uma leve pressão no cérebro, entre o couro cabeludo e o crânio, as mãos e os pés bastante frios” (p.13). A partir daí, se inicia, de fato, a experiência psicoativa e, com isso, os deslocamentos de percepção acerca dos objetos ao seu redor e de alguns componentes importantes da vida moderna, como o *tempo*. Sobre a relação com a temporalidade, o cronista inicia descrevendo seu desinteresse do tempo como uma

² A partir da segunda metade do século XX, instaurou-se uma política de guerra às drogas, iniciada nos Estados Unidos, igualando “psicodélicos, opiáceos e cocaína numa lista oficial de substâncias proibidas pela ONU e consideradas como não-possuidoras de qualquer uso médico, provocando o sufocamento da investigação sobre LSD e outras substâncias análogos” (CARNEIRO, 2005, p. 59).

³ Paulo Mendes Campos afirma, logo no primeiro parágrafo, que ingeriu apenas “três bolinhas coloridas” (CAMPOS, 1984, p. 11).

“experiência singular”, que havia se realizado na sua consciência (p.13), declarando sentir alívio por se sentir livre, por horas, dessa preocupação.

Paulo Mendes Campos concorda explicitamente com Huxley em relação ao tempo e como ele é percebido durante o efeito lisérgico. O autor afirma que, ao indagarem Aldous Huxley a respeito do tema, “respondeu ele que havia fartura de tempo, *plenty of it*. Essa resposta me parece corresponder perfeitamente à minha impressão de que, sob o efeito do ácido lisérgico, o tempo não está interessado em nós” (p.14). Assim, o desinteresse no tempo não configura uma ação deliberada, uma vez que, em essência, é o tempo que não está interessado nas pessoas, ou nas pessoas sob o efeito do LSD. E, como consequência, a sensação era de plenitude, contrapondo o efeito angustiante que o tempo tem na vida moderna:

(...) o ácido lisérgico pareceu demonstrar-me que, em nossa vida cotidiana, seria-nos possível atingir a um estado maior de convivência (ou mesmo convivência) com o tempo, poupando-nos angústias excessivas e apontando-nos esclarecimentos sobre a natureza da readaptação dos neuróticos (CAMPOS, 1984, p.14).

O ácido lisérgico, então, é responsável por mostrar a possibilidade de, em nossa vida cotidiana, nos relacionarmos de outra forma com o tempo, chegando a um “estado maior de convivência”, através da eliminação das angústias excessivas. Ou seja, é uma experiência que se tem a partir do LSD, mas que poderia ser vivenciada por todos. Ainda, esse sentimento de angústia, que pode chegar até a uma neurose, é oposto à inocência infantil, sendo que “perdemos a inocência quando aprendemos a olhar para as horas” (p. 14). Ora, na infância não buscamos quantificar e controlar o tempo a todo instante, não precisamos nos ocupar das horas e nem olhar os relógios, somos livres da angústia em relação ao tempo, que é o contrário do homem adulto, que se volta ao seu relógio regularmente para ordenar o seu dia.

Para Campos, ainda, surgirá um novo elemento, que mediará sua relação com o entorno: a intensidade. Essa intensidade vai aparecer na contemplação de diversos objetos e da *luz* que os mesmos irradiavam, prendendo a atenção do autor. É o que ocorre, por exemplo, ao encontrar no local um simples cinzeiro: “o objeto me parecia mais *vivo*, mais presente, mais *interiormente* luminoso” (CAMPOS, 1984, p. 13). Além do *status* de vida que recebem os objetos, a intensidade das cores dos mesmos também aparece como uma das primeiras percepções. A relação com as cores dos objetos e,

inclusive, das pessoas, pareceu, a princípio, uma experiência pobre, se transformou em uma “verdadeira inauguração do mundo cromático” e “por um tempo impreciso, embora remotamente conciso de minha existência como um todo, os planos de minha consciência cederam ao significado direto das cores”. Logo, através da visão das cores de forma mais vibrante, foi possível perceber tanto todo um novo mundo cromático, quanto compreender o significado direto das cores, demonstrando a relação do corpo e da mente na transformação de leitura de mundo ocorrida a partir da experiência psicoativa.

Ainda, essa nova forma de se relacionar com as cores e, por conseguinte, com os objetos e as pessoas, só é possível a partir de um modo distinto de interação com o tempo e o espaço. A *luz*, ou a intensidade, que se desprende dos objetos, é aquilo que chama a atenção de Campos para o cinzeiro, e, a partir disso, abre-se esse mundo cromático. Essa intensidade, por sua vez, só é possível pela falta de preocupação com o tempo dispensado na contemplação, “um tempo impreciso”.

Com isso, entende-se que, para Campos, em acordo direto com Huxley, a experiência lisérgica só começa com a transformação no corpo. E esta, por sua vez, se manifesta através do deslocamento da atenção, antes voltada para o controle do tempo e, agora, centrada na intensidade durante a relação com o outro. As alterações no corpo e na mente parecem ocorrer juntas, instantaneamente, o que é plausível, pensando nos efeitos esperados do ácido lisérgico, centrados no plano psíquico. Também é importante destacar como, a partir dessa nova visão do entorno, vão se desenvolver as reflexões sobre a experiência com o LSD. Por isso, pode-se dizer que não só a ingestão do ácido lisérgico é decisória para o que se segue, mas, de forma ainda mais relevante, o deslocamento que o psicoativo promove opera como uma nova lógica de sentido, onde as experiências serão reorganizadas e resignificadas.

A experiência lisérgica e o *estar* no mundo

Se, ao se referirem acerca das alterações sensoriais e as percepções do mundo, Huxley e Campos levavam a uma imagem muito parecida – a de uma experiência intensa, marcada pelo alívio em relação ao espaço e ao tempo –; quando se trata das análises sobre o que é *estar* no mundo sob o efeito lisérgico, há uma clara divergência. A discordância, aqui, reside na oposição entre haver uma postura de *fuga* ou de *presença* perante o mundo, e a sociedade moderna, a partir da experiência “fantástica”.

Para Huxley (2002), o uso de substâncias psicoativas, constitui um mecanismo de fuga para o sofrimento da vida cotidiana, consumindo o álcool, o tabaco e plantas “entorpecentes” em geral. Ainda que configure uma porta para a transcendência, rompendo com as nossas amarras mentais, o que impulsionaria a busca por essas substâncias seria, justamente, a pretendida *evasão* da realidade: “Um indivíduo sob a influência da mescalina vive sossegadamente para si mesmo” (HUXLEY, 2002, sp.).

Logo, fica clara a contraposição entre o álcool, que geraria na pessoa uma relação hostil com o mundo, e a mescalina, com a qual a pessoa viveria *sossegadamente* e inteiramente para si. Esse sossego se coloca como uma forma contrária a dor e a angústia, mas acarreta viver para si mesmo, e não para o mundo. Para Huxley (2002), contudo, esse fato não dava a mescalina o *status* de *droga* ideal, pela longa duração do efeito da mesma, além de poder levar a pessoa ao estágio do *purgatório*, estando, agora, a dor e angústia presentes, algo inesperado no momento em que se anseia a ingestão da substância.

Para Campos (1984), a experiência lisérgica não se caracteriza pela evasão, pelo contrário. O LSD, para o cronista, seria um instrumento na pesquisa da natureza humana e, com isso, auxiliaria a descobri-la melhor.

Não chego, como Aldous Huxley, a achar que a mescalina deva ser facilitada à deprimida sociedade moderna, substituindo outras formas de evasão. Dentro das limitações que eu mesmo imponho a essa ideia, não vejo bem o caráter de evasão no ácido lisérgico, mas uma concentração da realidade, o antônimo da evasão, pelo menos uma concentração de certos aspectos da realidade (CAMPOS, 1984, p. 15).

Novamente, a referência ao autor de *As portas da percepção* é direta e, dessa vez, a contraposição de ideias também. Ainda que seja uma ideia com limitações, permanecendo no campo das “possibilidades”, o ácido lisérgico, ao invés de nos fazer evadir da realidade, nos faria concentrar nela, ou, pelo menos, em alguns aspectos dela. Seríamos, portanto, seres psicologicamente adormecidos, e o ácido lisérgico poderia operar como um “ponto de partida” para recuperarmos a realidade e nossos “dons” de percepção e acomodação da realidade (p. 15). Em Campos (1984), essa forma de concentrar-se na realidade, ou pelo menos em outros aspectos dela, pode ser encontrado na infância, que tem como característica central a inocência: “(...) aprofunda-se gradativamente a regressão infantil ou, se assim posso dizer, a purificação do consciente pelo inconsciente” (CAMPOS, 1984, p. 25).

Não se busca, a partir desses apontamentos, deslegitimar a visão de Huxley, tampouco afirmar a de Campos. Ao contrário, pretende-se pensar como o discurso sobre os psicoativos se construiu, também no campo das artes e ciências humanas, como um tecido de diferentes vozes, nem sempre consonantes. Ainda, a experiência lisérgica apresenta-se, mais uma vez, como singular, produzindo um sentido, ao buscar uma nova forma de leitura da sociedade moderna, e outros, produzidos nos mais diversos contextos. O uso dos psicoativos, sem um compromisso científico ou religioso, parece, então, produzir uma outra relação com a sociedade, oferecendo caminhos opostos aos estabelecidos pela nossa cultura, seja como uma forma de *fuga* ou de *presença*, de se estar no mundo.

A palavra, as artes e a consciência sob o efeito do LSD

A experiência lisérgica foi comparada, em Paulo Mendes Campos, como referido acima, a um retorno à infância, e este não afetaria apenas a percepção do mundo, como também as capacidades motoras da pessoa sob efeito da substância. Novamente, as impressões do corpo e da mente se fundem e se confundem, unificando a experiência. Quando pedido que escrevesse, Campos descreve sua caligrafia e palavras como próprias de crianças, fazendo com que ele, inclusive, escrevesse o nome de suas antigas professoras. A experiência com a palavra escrita acontece após um pedido do médico que acompanhava todo o ocorrido, e, ao longo da escrita, as frases vão perdendo complexidade, ao passo que a grafia vai regredindo e recebendo contornos pueris. Em um determinado ponto, o autor escreve: “Se eu pensar demais eu volto” (CAMPOS, 1984, p. 20), referindo-se ao transe que encontrava-se, por estar afastado do pensamento enraizado no signo, na palavra.

O LSD teria, então, aberto as portas do inconsciente, ou as portas da percepção, em Huxley (2002), fazendo com o que Campos se entregasse a uma escrita livre de planejamento, se aproximando dos pensamentos infantis. Pensar, planejar, sistematizar a experiência em forma de linguagem acarretaria, pelo contrário, o retorno ao estágio anterior a ingestão dos comprimidos de LSD. Por isso, não era mais o pensamento racional que ordenava a linguagem, e sim o próprio inconsciente, com suas *portas* abertas pelo ácido lisérgico. Se, para o cronista, a escrita, sob efeito psicoativo, não despertaram interesse artístico, as obras de arte, por outro lado, não atraíam sua curiosidade como outrora:

Mas, ali na varanda, sob o efeito do ácido lisérgico, o álbum que segurava não me transmitia nenhuma experiência radicalmente parecida com as minhas habituais curiosidades plásticas. Antes de mais nada, não tive o mais leve desejo de avaliar a qualidade estética dos trabalhos ali reproduzidos. Não notei o título do livro, nem a origem da impressão, e não quis indagar que denominador comum agrupava os pintores daquele álbum, como também não quis identificar ao pé da página os nomes dos pintores, embora reconhecesse aqui e ali o estilo dum artista (CAMPOS, 1984, p. 17).

Ainda que se mantivesse consciente de alguns traços culturais daquelas obras, o que interessava a Campos eram as figuras ao acaso, realçando, mais uma vez, a tonalidade das cores e a “profundidade dos desenhos”. Paulo Mendes Campos afirma que: “os quadros não me pareciam propriamente *belos* mas dotados dum *sentido* cósmico não conceitual”, logo, o valor das obras já não se ancorava nos conceitos de beleza ou nos sentidos pré-estabelecidos pela razão, mas no sentido cósmico. Isso é, aquele apreendido pelo inconsciente, pensando, aqui, no *cósmico* como uma outra forma de sentido, de organizar a experiência com o mundo, sendo também, e, por conseguinte, a antítese do que é apreendido pela razão e pelos valores da sociedade moderna.

Em Huxley (2002), se encontra a mesma crítica, sendo os símbolos sempre incapazes de transmitir a essência exata das coisas. Ao dizermos uma frase, portanto, seríamos impossibilitados de exprimir, com exatidão, aquilo que gostaríamos de dizer. A distinção, em relação a Campos, se deve ao fato de Huxley ressaltar a obra de arte, produzido em determinado contexto e por determinados artistas, como uma porta para esse mundo onde é possível interagir com a essência das coisas e dos seres, constituindo-se como uma porta da percepção. Assim, se para o cronista as obras tinham seu valor encerrado em um sentido cósmico, e não em atributos como a beleza, em Huxley, pelo contrário, as obras de arte, quando dotadas de certos atributos e técnicas, operariam como alteradoras do estado de consciência, abrindo, igualmente, as portas da percepção.

A busca pelo inconsciente, como se sabe, não foi inaugurada no ocidente com a experiência lisérgica, tendo percussores importantes, como o movimento surrealista e a psicanálise. Mas também é possível perceber que o interesse pela relação entre a linguagem e o inconsciente, mais especificamente, se manteve viva, propiciando novas concepções. Em Campos, mantendo o diálogo com Huxley, o acesso ao inconsciente altera toda a sua concepção sobre a palavra e as obras de arte. Agora, a palavra ganhava um outro valor, já não era ela a ferramenta central que mediava a relação com o mundo, mas sim o estado sob efeito lisérgico. A palavra poderia organizar a sociedade moderna,

o mundo como estava estabelecido, mas não esse *novo* mundo, com acesso ao sentido de fato das coisas, o sentido cósmico: “Pois o mundo não é a palavra – e esta foi exatamente uma das percepções mais intensas e duradouras durante a experiência” (CAMPOS, 1984, p.23).

Considerações finais

A partir da leitura de *Experiência com LSD*, de Paulo Mendes Campos, o artigo teve como objetivo apresentar algumas ponderações sobre a experiência lisérgica do cronista, com a finalidade mais ampla de pensar as relações entre as substâncias psicoativas e o campo da literatura. Mais uma vez, se pode perceber que o uso de uma *droga* não se caracteriza como algo homogêneo, pelo contrário, é singular e abre inúmeras possibilidades de leitura do mundo e do próprio ocorrido, uma vez sob o efeito da substância. Ainda, isso não exclui as similaridades possíveis com outras experiências psicoativas, como é o caso de Campos e Huxley (2002), e outras tantas, não necessariamente mediadas pelo lisérgico.

Através da ingestão do LSD, não só a mente, mas a percepção do corpo se viu completamente alterada, gerando um deslocamento de posição sobre o mundo e a sociedade moderna, com suas angústias e temores. Por fim, toda essa perspectiva nova de ver o mundo foi o que possibilitou, também, existir uma outra forma de ver e interagir com a palavra escrita e com a obra de arte em geral, se contrapondo com o já estabelecido. O presente trabalho, mais do que concluir certezas, concorda com Campos, ao pensar em uma análise que abra espaço para um mundo de possibilidades, que auxiliem nas análises futuras entorno da temática proposta.

Referências

CAMPOS, Paulo Mendes. *Experiência com LSD*. In: CAMPOS, Paulo Mendes. *Trinca de Copas*. Rio de Janeiro: Achiamé, 1984.

CARNEIRO, Henrique. A odisseia psiconáutica: a história de um século e meio de pesquisas sobre plantas e substâncias psicoativas. In: LABATE, Beatriz; GOULART, Sandra. *O uso ritual das plantas de poder*. Campinas: Mercado de Letras, 2005.

CHAVES JÚNIOR, Wander Wilson. *O discurso literário sobre psicoativos*. Trabalho apresentado na 29ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 03 e 06 de agosto de 2014, Natal/RN.

ESCOHOTADO, Antonio. *Historia General de Las Drogas*. Madri: Editorial, Espasa, 2005.

HUXLEY, Aldous. *As portas da percepção e Céu e Inferno*. São Paulo: Globo, 2002.
Disponível em:
http://culturadigital.br/contraculturadigital/files/2012/02/Aldous_HuxleyAs_portas_da_percepcao.pdf. Acessado em: 27 out. 2015. (pdf).

QUEIROZ, Maria José de. *A literatura alucinada: do êxtase das drogas à vertigem da loucura*. Rio de Janeiro: Atheneu Cultura, 1990.